ferenczi — uma história que deve ser lembrada

DELMA MARIA FONSECA GONÇALVES

FERENCZI NASCEU no interior da Hungria em 1873, estudou medicina em Viena e, além de clínico e neurologista, era um sujeito interessado em arte e literatura. Quando conheceu Freud em 1908, já publicara artigos em revistas de neurologia e literatura. Tornar-se-á um defensor das idéias freudianas, dando impulso a elas na Hungria e possibilitando sua rápida divulgação.

Sobre ele, Freud escreverá em 1933, numa homenagem após sua morte: "É impossível imaginar que a história de nossa ciência algum dia venha a esquecê-lo.[1] E, com efeito, em "Análise terninável e interminável" (1937), texto reconhecido por Lacan como o testamento de Freud, podemos constatar, de certa formaum diálogo que Freud ainda mantém com Ferenczi.

[1] FREUD. *Sándor Ferenczi*, p.279.

Sabemos que neste texto Freud está às voltas com a problemática do término de uma análise, do que é terminar uma análise, e aponta com insistência os chamados fatores "quantitativos" como aqueles que impedem o êxito do tratamento psicanalítico. Tais fatores podem ser verificados na clínica como fenômenos residuais da transferência, restos que não cessam de resistir a uma nomeação.

Freud traz Ferenczi como exemplo clínico, mostrando-nos como é que ele faz retornar este incurável. Ferenczi, causado por estes restos, veio fazer questão, através da queixa reiterada a Freud, que não teria analisado sua transferência negativa. Em última instância, é como se ele convocasse seu analista a reabsorver o resto deixado pela análise do complexo de Édipo.

Ele surgirá muito cedo na história da psicanálise como o mais atormentado pelo problema da ação analítica, indicando-nos questões que concernem ao manejo da transferência e a necessidade da análise do analista — exigência que "eleva à categoria de 2ª regra fundamental".[2] A análise do analista levada até o final implica a formação dos analistas e, por conseqüência, a organização dos mesmos.

[2] LACAN. *Escritos*, p.342.

Tal necessidade já se faz presente desde 1902, quando começa a reunir-se ao redor de Freud uma série de médicos interessados pela leitura do que Freud havia publicado até aí, pela idéia do método psicanalítico, pela hipótese do inconsciente e, certamente, pela questão da etiologia sexual

das neuroses. Nesta época, compõe-se a famosa sociedade das quartas-feiras, onde estas pessoas reuniam-se com Freud.

De 1902 a 1910, habilitar-se a praticar a psicanálise consistia em ler o que Freud publicava, entender o que era possível e, a partir disso, lançar-se na *aplicação* do método psicanalítico assim como era aprendido nesta leitura.

Em 1910, passa-se a outra fase, que veio a ser chamada (por Balint) de "análise propriamente dita". Nesta data, é realizado o 1º congresso de Psicanálise, no qual se funda a Associação Psicanalítica Internacional – IPA.

Na fundação da IPA, conta bastante a figura de Ferenczi, que, já nesta época, insistia sobre a necessidade de que aquele que se propusesse a ser analista deveria ser tão analisado quanto qualquer paciente. Retira esta convicção de suas próprias queixas em relação a sua análise não-terminada e da especificidade de sua clínica, cuja orientação podemos acompanhar através do desenvolvimento de suas técnicas, nas quais não cessa de questionar os problemas concernentes à ação analítica. Tudo que criou advém da indagação do que fazer diante do desamparo, o que fazer com quem sofre e não pode saber do que sofre. Só um problema, segundo Freud, monopolizava o interesse de Ferenczi: a necessidade de *curar*.

técnicas desenvolvidas por ferenczi

1. técnica ativa (1919-1925)

Na técnica ativa, vamos encontrar a 1ª intuição de Ferenczi, que é a de que a ação analítica não se reduz à interpretação. É preciso mais que a decifração. Ele vai ressaltar os efeitos terapêuticos decorrentes da associação livre, mas vai assinalar um segundo tempo, no qual o trabalho emperra — o tempo da resistência. São os "pontos mortos" do trabalho analítico, que resistem aos efeitos da interpretação.

Diante dos impasses da interpretação, Ferenczi distinguiu-se por uma posição original em relação a seus contemporâneos. Ele constata que, para esses períodos de inércia, deve-se ter uma intervenção ATIVA, depois da qual há a retomada do trabalho associativo.

O ponto de impacto desta nova técnica incide sobre o que ele chama as "tendências eróticas" (1921) na transferência. E visa NÃO satisfazê-las:

> A tese é simples: Os tempos mortos da análise são correlativos das satisfações que o sujeito retira da transferência. Quando as associações

se esgotam, quando a interpretação se torna inoperante, trata-se de "desentocar os esconderijos" onde ela se abriga.[3]

[3] Soler. *A psicanálise na civilização*, p.173.

O silêncio revela, assim, a presença da pulsão. "Procurem o gozo!" é a palavra de ordem da técnica ativa conforme indica-nos Colette Soler.[4] Trata-se de uma técnica concebida a partir da estagnação do processo de associação livre do paciente, cujo objetivo era superar a dificuldade causada pela estagnação da análise. Ferenczi deixa claro que não se trata de uma reformulação da técnica psicanalítica clássica, mas de um artifício que pode ser usado excepcionalmente em algumas análises.

[4] Soler. *A psicanálise na civilização*, p.173.

Para ele, no silêncio ou na falta de associação, uma satisfação estaria sendo escoada durante as sessões e, se isto ocorria, a regra de abstinência estaria sendo de alguma maneira burlada. A técnica ativa pretendia incidir sobre esse prazer do paciente durante as sessões.

O caso principal a partir do qual Ferenczi experimenta e constitui a Técnica Ativa está no artigo que se intitula "Dificuldades técnicas de uma análise de histeria" (1919). Trata-se de uma jovem histérica que se refugiava no amor de transferência para não fazer seu trabalho de analisante. Ferenczi nota que ela tinha as pernas sempre cruzadas sobre o divã, e ele lhe explica que aquilo tratava-se de uma forma larvada de onanismo e que cruzar as pernas era uma maneira habitual de as mulheres praticarem-no. Ela nega energicamente, alegando jamais ter feito tais práticas.

Mas Ferenczi assim mesmo interdita, proíbe-lhe: "Neste caso, fui obrigado a abandonar o papel passivo que é habitualmente o do psicanalista no tratamento, que se limita a ouvir e a interpretar" para na proibição "desalojá-la dos esconderijos onde abrigava a sua satisfação auto-erótica".[5]

[5] Ferenczi. Escritos psicanalíticos, p.121.

O efeito disso foi ela se remexer sobre o divã e produzir pedaços de lembranças que revelaram causas traumáticas, as mais importantes da doença.

Para Ferenczi, a transferência é pensada de um modo clássico, e é como a repetição das fantasias eróticas do passado, como atualização sobre a pessoa do analista, mas ele acentua um traço: a fantasia não é só devaneio, representação mental. Ele insere na representação um elemento que não é da ordem do pensamento, mas da satisfação. Um gozo efetivo, que resiste à interpretação. Operar por subtração do gozo — tal é, portanto, a finalidade deste novo passo da técnica.

Outra modalidade da técnica ativa, além da proibitiva, é a provocativa, em que Ferenczi vai provocar a fantasia. O texto

"Prolongamento da técnica ativa em psicanálise" (1920) traz uma jovem musicista que se envergonha de apresentar-se em público e é mesmo impedida de fazê-lo tanto como musicista (apesar de seu talento) quanto como mulher (apesar de ser bonita). Aqui, impõe-se a Defesa do sujeito, e não a fantasia.

Ferenczi toma a vergonha como indício do desejo. Ele obtém de sua cliente que ela consiga, na sessão, exibir-se diante dele, cantando — a técnica faz-se, aqui, PROVOCATIVA. Em seguida, o analista diz: "Chega de cantar!", "Trata-se de trabalhar!" — a Técnica faz-se aqui Interdição, atualiza a fantasia na transferência, mas não a satisfaz, interdita-a.

2. a elasticidade da técnica (1926-1928)

Há neste período grande inquietação de Ferenczi a respeito das regras técnicas e o desenrolar do tratamento. Ele acha que o analista não pode esconder-se atrás das regras, ele quer proteger o processo analítico e dar-lhe uma especificidade em relação a outras terapias. Diz que a posição do analista não é e não pode ser confortável.

Assim como o conforto do analisante é considerado um sinal de satisfação e resistência ao trabalho de análise, o conforto do psicanalista também passa a ser considerado como sinal de resistência do analista. Lacan vai considerar Ferenczi "o autor da 1ª geração a questionar com mais pertinência o que se exige da pessoa do psicanalista, sobretudo quanto ao fim do tratamento". Nomeia "A elasticidade da técnica" como um texto "luminoso".

Aí, Ferenczi vai exigir Super terapia para os analistas levadas até "O limite extremo ao qual a cura analítica pode ser levada" — essa idéia encontra uma direção e um certo sucesso, a partir de 1928, na IPA, e vai dar nas "Análises didáticas".

3. neocatarse (1929-1933)

Aqui, a resistência é causada por um traumatismo do passado. É uma revirada na técnica, fundamentada em uma mudança de hipótese quanto ao que se põe como resistência à análise.

Colette Soler diz que, em "A criança mal acolhida e sua pulsão de morte", Ferenczi indica-nos a quais solicitações ele cedeu ou ele quis atender para inaugurar a mudança de técnica. Trata-se do impasse ou entrave das análise com pacientes onde ele crê identificar uma "categoria mórbida" especial: sujeitos acometidos por um "desgosto na vida", pessimismo originário, tendências suicidas e nos finais de análise.[6]

Ferenczi fica como que aspirado pelas demandas desses sujeitos e pretende corrigir a experiência infeliz que tiveram

[6] SOLER. *A psicanálise na civilização*, p.179.

através da transferência. "Ele quis refazer suas origens, constituir para eles um outro 1º encontro, desta vez, o bom".[7]

[7] SOLER. *A psicanálise na civilização*, p.179.

Cabe ao analista emprestar a sua própria fantasia e construir uma versão para o que não tem memória nem palavra. Poderíamos falar de uma prótese simbólica que pretende refazer o outro — terno, verídico e sincero.

O postulado da neocatarse é o de que tudo acontece por falta do Outro. Podemos ver aqui o que vai influenciar Balint, cuja concepção da neurose é que esta resultaria de uma carência real, da frustração devida a uma carência fundamental. A concepção identificatória do final de análise vem em função desta concepção da neurose.

4. análise mútua

Ferenczi vai propor também a análise mútua, que não chegou a ser conceituada formalmente, sendo apenas mencionada no seu "Diário clínico".

Seria uma análise em que a percepção que o paciente tem dos sentimentos subjetivos do analista seria por este levada em consideração.

considerações finais

Se a técnica ativa, desenvolvida por Ferenczi, visa o gozo e não desconhece a falta-a-ser e a divisão do sujeito, da neocatarse e análise mútua podemos depreender uma tentativa de Ferenczi para resolver falhas de sua própria análise com Freud. Suas ditas transferências revelam a demanda, seja resignada ou reinvidicatória, gerada não pela hiância do sujeito, mas por um acontecimento passado, de uma resposta inadequada do Outro. Ele demanda que seja corrigido o Trauma pela satisfação da dupla demanda de amor e verdade.

Então, para que lembrar Ferenczi? Por que lhe render homenagens, se ele faz o caminho inverso no qual se pauta a psicanálise, em que o desejo do analista sustenta-se na pergunta de como manter aberta na prática analítica a hiância que permite aceder ao real que escapa ao significante?

Rendemos-lhe homenagem porque Ferenczi, no seu drama transferencial com Freud, é o primeiro que vai saber o que diz quando atribuía ao analista o verdadeiro final de análise. Porque aponta, desde 1910, para a necessidade da análise do analista e é o único analista, segundo os historiadores, que antes do texto de Freud "Análise terminável e interminável" escreve sobre o final de análise em seu texto "O problema do fim da

análise" (1928) — este texto também é animado pela transferência irresolvida a Freud.

Pelo desejo sempre autêntico de questionar a clínica, o analista e todos os problemas concernentes à ação analítica a partir dos impasses clínicos, ele vai nos indicar o analista como um certo estado do sujeito em relação ao seu gozo. Inclusive quando, em 1910, Ferenczi já apontava para a análise do analista como a de qualquer paciente, encontra muitas objeções por parte dos analistas: "Ao final das contas será que não seria um absurdo, um risco submeter pessoas sadias como nós a uma análise? Não se brinca com o equilíbrio psíquico da gente. Será que não é um risco mobilizar nossas pulsões?"[8]

[8] Roudinesco. *A história da psicanálise na França*, p.163.

A história de Ferenczi merece ser lembrada como uma verdadeira insurreição do particular, de onde procura sempre extrair um saber. Diante dos restos que retornam na sua clínica e em si mesmo ele não desiste: experimenta, faz, desfaz e refaz! Até que, ao se deparar com a angústia diante da falta de significante no campo do Outro e à medida que vai buscar a via de seu desejo no nível desse grande Outro que Freud era para ele, não há desejo de analista, e ele, então, constrói, como resposta a essa falta, uma verdadeira prótese com a qual passa a justificar sua clínica e tecer suas reiteradas queixas à falta de consistência de seu analista.

É a partir desse ponto que nos separamos de Ferenczi para, com Lacan, dizer que uma análise não resolve a castração — ela a reproduz. O caminho de uma análise segue a própria lógica da constituição do sujeito, em que a linguagem segrega um real. Esse real Lacan chamará de objeto *a*, que condensa em si um certo gozo daquele que o segrega.

E como não há comunidade do gozo nem fraternidade do real que nos levaria à uniformização do mais de gozar, ao invés de uma resposta que obtura, vamos procurar o desvelamento da falta de um significante no Outro e convocar o sujeito a se situar frente à castração.

É certo que até hoje buscamos saber o que é um analista. Lacan retira esta questão do conceito e vai nos dar a noção de *objeto a*. Ou seja, vincular o ser analista não a significantes, mas ao objeto *a*, elemento que não se integra a um conceito. Por isso, o ser analista estará vinculado a uma investigação de um por um, em que o conceito de *Escola* implica que ser analista é o resultado da própria análise, o resquício, os restos de uma análise, e não só o exercício de uma prática.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Dr. Sándor Ferenczi (em seu 50° aniversário) (1923). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v.XIX.

FREUD, Sigmund. Sándor Ferenczi (1933). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v.XXII.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v.XXIII.

FREUD, Sigmund, FERENCZI, Sándor. *Correspondência.* Trad. Claudia Cavalcanti e Susana Lages. Rio de Janeiro: Imago, 1995. v.I (1908-1911).

FERENCZI, Sándor. *Obras completas.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERENCZI, Sándor. *Escritos psicanalíticos* (1909-1933). Rio de Janeiro: Timbre Taurus, [s.d.].

LACAN, Jacques. *Escritos.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

PINHEIRO, Teresa. *Ferenczi – do grito à palavra.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Ed. UFRJ, 1995.

REVISTA Boletim. Ano 1, n.3-4, nov.1990.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A história da psicanálise na França.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. v.1: A Batalha dos Cem Anos (1885-1939).

SOLER, Colette. *A psicanálise na civilização*; parte 2. Trad. Vera Avellar Ribeiro, Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Contra Capa, [s.d.].

resumo

Em "Análise terminável e interminável" (1937), vamos encontrar Freud às voltas com a problemática do término de uma análise e apontando com insistência os chamados fatores "quantitativos" como fenômenos residuais que, por não cessarem de resistir a uma nomeação, impedem o êxito do tratamento psicanalítico. Freud traz Ferenczi como exemplo clínico, mostrando-nos como é que ele faz retornar este incurável.

Ferenczi vai nos indicar princípios que surgem numa história que deve ser lembrada por nos remeter a questões que concernem ao final de análise, desejo e formação do analista. Tais discussões permeiam a história da psicanálise e suas instituições, desde 1902, com Freud, nas famosas reuniões das quartas-feiras, até Lacan com o passe, essa invenção que tem a vocação de pôr em relevo um momento da análise que é difícil ou impossível de apreender diretamente pelo significante.

abstract

In "Ending and Endless Analysis" (1937) we find Freud surrounded by the problematical ending of an analysis as he insistently mentions the "quantitative" aspects as the residual phenomena which, relentlessly resisting a nomination, inhibit the success of the psychoanalytic treatment. Ferenczi mentions principles which arise in a story that must be remembered because it reminds us some questions inherent in the analysis end, the desire and the analyst's formation. Constituted as discussions which, since 1902, are part of the story of psychoanalysis and its institutions, at the famous meetings with Freud every Wednesdays, and even Lacan with the pass, this invention has the vocation of revealing a moment of analysis which is difficult or impossible to apprehend directly from the significant.